



***DIVERSIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS
CORPORAIS E ESPORTIVAS: ENTREVISTA COM BERNARDO GONZALES***

Silvana Vilodre Goellner¹

André Luiz dos Santos Silva²

Angelita Alice Jaeger³

Considerando a temática deste dossiê cujo foco recai nas práticas corporais e esportiva e seu atravessamento com questões relacionadas às diversidades, entrevistamos Bernardo Gonzales, jogador e um dos organizadores do time de futsal amador de homens trans, Sport Clube T Mosqueteiros, sediado na cidade de São Paulo. A entrevista seguiu os procedimentos teórico-metodológicos da História Oral⁴, envolvendo as etapas de transcrição, copidesque, pesquisa, conferência pelo entrevistado e autorização para publicação. Por se tratar de uma entrevista longa, para essa publicação, fizemos alguns recortes privilegiando tópicos que detalham a militância de Bernardo dentro e fora das quadras.

1. Bernardo para iniciar nossa conversa gostaríamos que você falasse sobre sua aproximação com o esporte.

A minha relação com o esporte e com corpo têm uma conexão muito potente porque desde criança eu gosto muito de esporte. Eu sempre gostei de esportes coletivos, dos esportes de quadra, de estar ali em coletivo, de pensar estratégias. Eu adorava assistir a Copa do Mundo de Futebol, só que dessa perspectiva de um corpo que tinha muita

¹ Doutora em Educação. Professora Visitante da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Doutor em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ Doutora em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁴ A entrevista foi realizada de modo remoto no dia 4 de novembro de 2023 e teve duração de 1 hora e 13 minutos. Gostaríamos de registrar nosso agradecimento a Mariana da Silva Brum que gentilmente fez a transcrição.

dificuldade de, em primeiro lugar, se entender. Eu acho que, como uma criança nascida nos anos 90, essa dificuldade apareceu logo de cara porque eu nunca me senti uma menina. Essa ideia de ser uma garota, de estar ali aprendendo sobre as feminilidades, nunca foi algo que eu desejei, que eu tinha interesse. Pelo contrário: acho que eu negava essa feminilidade de muitas e muitas formas quando criança, mas eu também não tinha nada para colocar no lugar, porque me sobrava o nome, me sobrava os pronomes femininos, me sobrava ser uma menina e sempre uma incompreensão muito grande do que que era isso, do porquê que eu estava passando por aquilo. Se eu soubesse, por exemplo, que existia a ideia de transição, de que eu podia ser um menino, certamente eu teria feito essa escolha logo de cara. E aí o que aconteceu comigo foi que eu associei os elementos que eu tinha naquele momento. O que é que eu tinha naquele momento? A binaridade de gênero, que era, você é menina ou você é menino. Eu tinha uma família muito católica e o fato de ser cristão ou cristã à época era aquela bagunça. Eu tinha um desejo muito forte por meninas, já aparecia esse desejo e vinha embutido nessa ideia de sexualidade, a heteronormatividade compulsória. Então, para mim, só existiam essas duas opções. E na minha cabeça de criança, de Bianca, isso é uma coisa que eu gosto sempre de lembrar e eu demorei para resgatar que foi quando eu me dei um outro nome. Eu me dei uma fantasia de criança em que eu me chamava Bruno e tinha um pênis e eu rezava para Deus todas as noites para que isso acontecesse comigo, assim, que aquele pênis nascesse porque era a única possibilidade de existência que eu tinha. Eu fui crescendo e o esporte me acompanhou. Quando eu era bem pequenininho, minha mãe comprou uma bola para mim, eu acho que a coisa da bola não é tão problemática. Mas conforme você vai crescendo, jogar futebol foi um problema. Minha mãe nunca incentivou que eu tivesse essa escolha, nunca me levou para uma escolinha de futebol e os espaços que eu tinha de jogo eram na educação física ou então nos interclasses da vida que as escolas sempre faziam e eu jogava pelo feminino. Quando dava para disputar, porque nessa época também as meninas não tinham esse interesse pelo futebol, então, às vezes nem tinha time e não era permitido que eu jogasse com os meninos. Acho que meu primeiro torneio interclasse onde existiu uma disputa, eu devia ter uns 11 anos. Eu sempre gostei de praticar, mas eu não encontrava pessoas da minha idade que praticavam comigo e minha mãe também nunca me levou para esses espaços. E acho que essa relação foi se dando de um jeito meio esquisito porque eu não entendia sobre essas coisas e eu fui crescendo e rejeitando a feminilidade de um jeito profundo. E minha mãe, ao passo que eu negava essa feminilidade, ela me obrigava a ter lugar de feminilidade: ela me obrigava

a vestir vestido e nessa época tinha umas tamancas de madeira que ela me obrigava muito a vestir e até hoje eu tenho um trauma com essas tamancas. Assim que eu vejo uma delas, eu já falo: meu Deus do céu, eu quero correr desse lugar, porque tem esse sapato aqui que para mim é um gatilho muito forte. Acho que essa coisa da obrigação gerou muita raiva também e cresci como uma criança bem revoltada com a sexualidade, com a identidade de gênero porque eu não compreendia do que isso se tratava. Durante uma fase da minha adolescência a gente passa pelos clássicos porque eu sempre ouvia, seja jogando futebol dentro da quadra ou mesmo fora da quadra, algo tipo: “essa menina vai ser sapatão”. A forma que as pessoas torciam também sempre envolvia falar sobre a minha sexualidade, e de alguma forma, tentar me desestabilizar dentro de quadra usando a minha sexualidade. Eu lembro de viver essa cena e ficar muito envergonhada, como Bianca, de que as pessoas olhassem para essa questão e estivessem falando sobre isso. Eu cresci nessa revolta, cresci negando a sexualidade, eu acho que é um processo também de ódio que o mundo coloca em relação às lésbicas, a quem é sapatão. Eu passei por essa fase de odiar que eu fosse uma lésbica, que eu fosse sapatão, até quando cheguei nos 18 anos e eu não tinha mais saída senão acolher essa sexualidade porque têm os hormônios e essa coisa de você querer se relacionar. Eu fui deixando de lado um pouco o futebol porque aquilo já não era uma possibilidade. Como eu não tinha sido levada desde criança, já não tinha muito espaço e eu já estava com 18 anos e tinha aquela necessidade de trabalhar, porque eu nasci e cresci na periferia. Então acho que esse espaço foi sendo negligenciado de muitas maneiras e eu fui escolhendo o caminho que era possível, que era seguir gostando muito de futebol, mas ter a necessidade de ir para outros caminhos que fossem me descobrir como gente e ao mesmo tempo me colocar nesse mundo como gente porque até então, como Bianca, eu tinha sido tratada de formas muito violentas.

2. Ainda sobre o tema das práticas esportivas, além do futebol você praticava outra modalidade?

Tinha uma que eu gostava muito, mas que até hoje é um gatilho muito grande também, por razões óbvias, que é a natação. A coisa de nadar eu sempre gostei muito, mas conforme o peito ia crescendo, eu ia me colocando nesse lugar da menina, essa prática foi ficando cada vez mais difícil. Colocar o maiô, me lembro dessas interações no banheiro feminino, de um corpo que não estava confortável ali, se relacionando com esses outros corpos. Eu sempre tive a prática, por exemplo, de ir para as cabines enquanto várias meninas estavam se trocando umas na frente das outras, não por vergonha delas ou

vergonha do meu corpo, mas esse lugar de não me entender ali naquele espaço. E eu sempre gostei muito de nadar, mas infelizmente eu abandonei desde a transição, porque é muito difícil. Essa coisa do corpo se colocar como ele é nesse espaço, embora para mim seja racional que eu tenha esse direito, esses gatilhos sempre falam mais alto. Acho que eu não consegui superá-los, porque o que marca o corpo das meninas é isso: é o peito, é a vestimenta. E eu sempre, de todas as formas, tentei esconder isso porque a minha ideia era parecer sempre o mais próximo de um menino. Desde criança, acho que eu tinha esse desejo, na verdade, não é nem fetiche, é o desejo de parecer um menino e toda vez que eu era descoberta como menina, aquilo me causava um sofrimento profundo. Além de todos os esportes de quadra porque eu sempre fui por esse caminho da coletividade. Na periferia, você tem a escola, você tem uma quadra, você tem um professor que às vezes deixa as meninas jogarem futebol, às vezes um handebol. Eu lembro que na minha época estava muito comum também aquela brincadeira que se chamava taco que eu adorava e sempre tinha uma garrafa, uma bolinha, a gente brincava muito daquilo. Mas o futebol sempre se sobressaiu em relação a todas essas práticas.

3. Bernardo, como você vivenciou o esporte durante o seu processo de transição?

Para falar sobre isso eu vou fazer esse resgate porque, dos 18 até os 24-25 anos, que foi o momento em que eu assumi a transição, o que aconteceu comigo foi um isolamento que eu sempre chamo de hibernação. Era muito difícil jogar futebol com menina como sapatão, seja pelas violências, seja pela ausência desses espaços. Eu já era militante nessa época, porque eu entrei na faculdade com 19 anos e com uma revolta muito grande do mundo perante essas violências que eu sofria e que eu sempre anunciei e escancarei para o mundo porque eu nunca achei certo passar por nenhuma dessas coisas, embora eu tivesse muita dificuldade de compreender porque elas aconteciam comigo. E na faculdade, o que foi que eu fiz? Eu tive que fazer uma escolha: ou jogava futebol e passava por todas essas violências e arrumava esses espaços porque na faculdade que eu estava sequer tinha esportes para as meninas, nenhum deles existia e só os meninos tinham esse direito meio que garantido ou ia por outro caminho. Pensei: “Cara, isso aqui está errado, eu vou ficar aqui sozinha!” E eu sempre me trato como feminino nessa época, porque lembrar essa trajetória para mim é muito importante, como uma sapatão, como uma pessoa que estava tentando fazer com que a minha existência não fosse um problema, que não fosse violentada o tempo inteiro. Eu lembro que eu fiz uma escolha: ou eu vou jogar futebol e me preocupar com essas questões do esporte, ou eu vou ter que me dedicar

para outras causas para tentar resolver esse problema, porque não é justo. Não é só comigo que não é justo, é com todas essas meninas que de alguma maneira tiveram seus direitos ao esporte negados, independente da sexualidade porque as meninas eram sempre colocadas nesse lugar da fragilidade, nesse lugar do objeto sexual, do desejo sexual, mas nunca como atletas, pelo menos na minha vivência. Até os 8 anos eu nunca tinha sido apresentada ao futebol, Copa do Mundo Feminina eu nem sabia que existia. A gente vai sendo conduzida por uma narrativa que nos nega esse direito à prática esportiva e naquele momento, eu falei: “Cara, eu vou colocar o esporte de lado e vou tocar umas pautas que eu acho que são razoáveis para resolver o problema que é a pauta feminista.” Isso a gente está falando de 2007, 2008 quando nem se falava sobre feminismo e os coletivos não existiam e as meninas tinham muita dificuldade também de se organizar. Tudo era muito difícil e quando você falava sobre feminismo, diziam: “Nossa, sai para lá, o que você está falando, que coisa absurda, isso não existe!” Eu lembro que me dediquei profundamente e consegui encaixar a militância LGBT nesse processo porque eu me sabia feminista e me sabia também lésbica, me sabia também sapatão. E foi uma luta muito grande, acho que foi um processo, assim, da Bianca na minha existência, que a pessoa que eu fui, sempre foi uma pessoa que não teve direito à alegria, à felicidade, à prática esportiva. Sempre foi muito sofrido, todo esse processo que seria normal para uma pessoa hétero, cisgênero, branca, com acesso a repertórios sociais, eu não tinha nada disso. O que me sobrou foi ter que lutar pela minha vida, pelo meu direito de viver e foi exatamente o que a Bianca fez! Quando eu assumi a transição e eu acho que foi um compromisso que eu fiz comigo mesmo e até hoje lembro exatamente o dia que eu prometi isso para mim mesma. Então, eu coloco isso como duas vidas praticamente diferentes porque foram duas vidas diferentes. Eu lembro que eu estava cansada, exausta e me queixava muito sobre essa ideia de que eu precisava me divertir, de que tinha o direito de me divertir. E o que acontecia comigo era sempre esse processo de luta, luta, luta, ser seguida na rua, ser chamada de sapatão. Nessa época eu já não jogava mais porque não existia esse espaço. E eu tinha feito essa escolha também porque toda vez que eu jogava era isso: ser chamada de sapatão e a sexualidade entre as meninas era um tabu muito grande. Embora eu tenha feito tentativas, quando eu assumi a transição, eu disse para mim mesmo: “Você precisa fazer isso para ser feliz um pouco, faça escolhas para ser feliz”. Eu lembro exatamente que a Bianca fez esse compromisso com alguém que estava lá e que eu não sabia ainda quem era, porque é o inominável. O processo de transição foi de muita estranheza porque, imagine, você abandonar 25 anos da sua vida com uma pessoa, consolidada, porque não

é só um nome. Às vezes a gente fala assim: o meu nome não é mais Bianca. Eu me lembro que eu fiz esse anúncio muito feliz, mas após o anúncio público veio uma tristeza profunda, do tipo, o que foi que eu fiz com a minha vida? E agora, faz o quê? Quem é Bernardo? Como é que constrói isso? Como é que você se identifica com esse nome? Foi um processo de muita tristeza, de muito arrependimento também. Acho que os meninos contam sempre como um processo de alegria, mas é sofrido, porque você tem que construir do zero e enlutar a si mesmo. Acho que quando você fala de mudar o seu nome, você praticamente mata toda uma história e as pessoas não têm muito como te ajudar nesse processo. E eu também não tinha acesso a outras pessoas trans, eu soube da ideia de ser uma pessoa transgênero, de ser uma pessoa transexual e isso encaixou com uma luva na minha história, mas ao mesmo tempo eu não tinha repertório e pessoas que pudessem me acompanhar nesse processo. E foi muito difícil porque acompanhado dessa trajetória, veio também a heterossexualidade. Então agora você é hétero, foi algo que sempre me violentou a vida inteira. E agora eu me identificava como hétero. Como que era esse processo? Como era com a minha companheira, que à época se identificava como lésbica, e agora eu não era mais uma menina. Foi um processo muito difícil de várias frentes. E eu acho que o esporte acompanhou esse processo, eu acho que eu não conseguia pensar sobre esporte quando o meu corpo nem se entendia como um corpo no mundo ainda. Essa possibilidade só foi aparecer quando eu já estava com dois anos de transição porque eu fui atrás, eu fui caçar informação. E muitas dessas informações acabaram gerando muito mais gatilho porque eu já tinha acumulado toda uma trajetória feminista e uma discussão muito profunda sobre gênero. Naquela época, eu não tinha essa divisão, porque não é tão simples. Hoje em dia, a gente sabe como isso não é tão simples, se fala mais sobre isso, mas naquela época não tinha essa divisão. O que é sexualidade, o que é identidade de gênero, o que é gênero. O mundo não é justo para as mulheres e vamos discutir sobre isso. Tinha alguns acessos, já tinha um repertório sobre gênero muito formatado, mas ao mesmo tempo, eu não entendia nada sobre isso. Eu ouvia algumas coisas de outros meninos que estavam passando pela transição e era muito assustador para mim, como, por exemplo, aceitar o meu corpo como ele é. De entender que a minha menstruação não é uma coisa nojenta. De entender que as mulheres não são nojentas e que elas não servem só para a reprodução. Eu estava começando a entender tudo isso e aí veio uma masculinidade que tentou se impor na minha existência. Que eu falei: “Cara, isso aqui não vai funcionar para mim. Não vai dar para ser assim!” E os meninos têm uns jargões, que é “monstruação”. E aquilo para mim era assustador. Como assim? Eu passei

todo um processo para gostar dessa ideia de que eu menstruo, de que o útero não é uma coisa horrorosa e que não fede, etc., e agora eu vou chamar isso de “monstruação”? Ou o peito, que a maioria dos meninos chama de peito de intruso. Eu fiz um trabalho de aceitar que o meu corpo era aquele e que estava tudo bem, que não tinha um problema ser quem eu era. Então, foi um processo de luto e, ao mesmo tempo, de muito questionamento. Em 2017, eu tinha acabado de começar a tomar hormônio percebi que era preciso buscar alguma coisa para fazer. E nessa época, o Facebook era muito mais forte e eu encontrei um time de futebol de homens trans, que é o Meninos Bons de Bola e falei: “Cara, acho que é isso! Vou nesse espaço e ver como é que eu me comporto, vou encontrar outras pessoas!” Isso tudo era uma estranheza para mim. Quem vai estar lá? Quem são essas pessoas? Porque eu estava em um universo tão esquisito, de desconhecimento, que era preciso encontrar com essas pessoas e entender a história delas. E eu me lembro que nessa época, os meninos jogavam no Carandiru e eu fui até lá com o corpo fechado. Você vê que a minha forma de chegar estava sempre muito tensa, e fui percebendo que tinha um monte de gente como eu. E como é importante estar com essas pessoas, como é importante entender esses corpos, enxergar esses corpos. Porque é muito diferente você ver uma foto de você jogando e você olhar e ver outras pessoas que têm o processo de vida parecido com o seu. Naquele momento, foi uma cisão na minha vida e falei que nunca mais ia abandonar o futebol porque é uma coisa que eu amo. Sabia que ia precisar de muito tempo para me entender, que não seria um processo fácil, não seria simples até porque todo mundo estava começando. Hoje a gente percebe que tem um monte de gente chegando e começando e eu acho que o esporte tem esse poder, no final das contas, de identificação, de você perceber que precisa falar sobre alguns assuntos que não dá para falar só com a sua psicóloga. E que essa socialização, seja onde for, é necessária, é essencial para que a gente se entenda como gente nesse mundo e perceba que tem dignidade e que pode buscar essa alegria no mundo. Acho que a gente sabe o quanto é difícil ser uma pessoa trans no Brasil por inúmeras razões. A gente está falando de um sistema que é muito perverso, que nos invisibiliza o tempo inteiro além de nos violentar, no caso das mulheres trans que estão na prostituição. Assassiná-las. E a gente esquece que tem o direito à prática esportiva que é uma alegria no final das contas. E quando você está em coletivo, jogando, nem é mais sobre competição, nem é mais sobre alta performance. Quando você está ali naquele coletivo, você tem a possibilidade de se lembrar disso e, toda vez que eu vou treinar, eu tenho o lembrete do quanto é bom estar com essas pessoas, que é bom jogar

futebol com essas pessoas. O direito à prática esportiva nos lembra que a gente tem o direito à vida.

4. Como era a tua militância quando você entrou neste time de homens trans. Você já tinha uma discussão aprofundada sobre as questões de gênero. Como foi sua aproximação com o grupo?

Eu acho que fui aprendendo porque, felizmente, eu fui para uma universidade pública e a gente sabe o quanto o acesso à educação é fundamental nesse processo. Eu aprendi tudo isso na universidade, eu tive acesso a todos esses conhecimentos na universidade, seja com professores, seja através da militância estudantil e dos diretórios acadêmicos. Tudo isso vai formando a gente como gente e lembro que eu saí da escola com muita revolta. Do tipo, o que eu vou encontrar aqui? Porque a revolta por si só, ela não resolve muitas coisas, não te ajuda. Eu lembro que cheguei na faculdade com muita revolta e fui encontrando pessoas que foram me dando esses acessos pouco a pouco. Eu fiquei na universidade durante seis anos e nesse período foi um processo de militância, muito mais fora da sala de aula do que dentro. A gente sabe que as disciplinas nos ensinam muito, mas é a vivência e a socialização no espaço universitário que faz com que a gente se formate, se empodere politicamente. Eu sempre fui atrás do que queria, sempre estive na periferia e sempre estive conectado com a periferia. Tanto é que, como militante, como Bianca, a gente tinha coletivos autônomos. A ideia de coletividade, para mim, sempre foi uma coisa muito tranquila porque eu nunca me vi fazendo nada sozinho. Acho que isso também fala muito sobre quem eu sou. E quando eu cheguei no futebol, eu encontrei uma cena muito diferente que é um choque de classe, por mais que ainda fosse periférico. Eu percebi que dentro da periferia existem milhares de periferias, com muita gente que vai ter acesso, com outras tantas que não vão ter acesso. E um choque também do que se entendia por masculinidade porque, ao contrário do que eu estava fazendo, os meninos estavam desejando essa masculinidade que eu estava questionando. Então, rolou vários choques e eu tentava me colocar: “Cara, você é muito machista!” Tem alguns relatos meus lá do início da transição, em 2017, falando sobre isso inclusive. Do quanto me era assustador que meninos trans estivessem, sei lá, chamando mulheres de gostosa na rua, sabe? Eu falava: “Como assim, cara, você não tem um pênis no meio das pernas! Como você está tendo esse comportamento machista? Você já passou por isso, você foi violada enquanto uma lésbica no mundo e agora está reproduzindo isso?” E muito desses questionamentos também era de que meu peito não é um intruso, que eu não tenho uma

“monstruação” porque isso é o que os homens fazem com a gente. Eu lembro de ser tido como uma pessoa muito arrogante, acadêmica. Mas eu via a heteronormatividade e o machismo comer solto, porque a gente está falando de um espaço de futebol que vai induzir os meninos. Eu questionava muito esse tipo de postura e temia não ser compreendido, porque eu sei o quanto o espaço universitário vai formatando a forma como a gente fala. A gente vai aprendendo certos jargões, certas formas de se comunicar que não é o mesmo jeito de se comunicar da periferia porque são vivências muito diferentes. E essa coletividade de alguma maneira, me rejeitou nesse lugar e me colocou em um lugar de arrogante! Quando eu chego no Sport Clube T Mosqueteiros, já com muito mais bagagem, isso vai sendo diferente porque os meninos começam a falar certas coisas e, ao invés de bater de frente, eu ia mostrando as coisas de outro jeito. Isso acontece com muito custo e até hoje a gente está passando por isso. Quando acontece alguma coisa dentro de campo, os meninos já querem ir um para cima do outro, aquela coisa da virilidade e a gente sabe que são existências que estão tentando se firmar no mundo, e que muitas vezes não pensam o que significa ir para cima de outra pessoa, o que significa falar que é um jogo de comadre ou o que significa falar que as meninas não jogam nada. Palavras como misoginia, machismo ainda são palavras que nem todo mundo tem acesso e eu entendi que me cabia explicar para essas pessoas o que significava isso, mesmo que no momento tenha explodido e falado essa palavra. Eu vejo um coletivo se transformar o tempo inteiro e os meninos também mudaram muito desde 2017 para cá, porque a gente tem falado mais sobre essas coisas e tem tentado negociar outras masculinidades. Hoje eu consigo fazer essas negociações de masculinidade e de escolher que masculinidade eu quero construir, porque eu conquistei essa masculinidade, entende? A gente só consegue negociar com alguma coisa que a gente tem. Eu me lembro que naquele começo, os meninos também sem barba, com voz feminina, sendo tratados no feminino o tempo inteiro. No final das contas, eles estavam tentando impor uma masculinidade tal qual o mundo apresenta, do jeito que dava, onde o machismo, a misoginia e a heteronormatividade faziam parte daquele combo. Agora que muitos meninos conquistaram esse lugar e são respeitados perante a sociedade, a gente começa a pensar como a gente negocia, como a gente brinca entre nós, como o corpo deixa de ser uma questão determinante. Eu acho que esse processo de ser reconhecido como Bernardo, de ser entendido como Bernardo, e dos meninos também, vivendo em coletividade, tem muito a ver com essa conquista de masculinidade que depois de conquistada, você faz um

processo de lapidação. E aí você vai entendendo quem é o Bernardo e qual é a masculinidade dos meninos que estão convivendo no T Mosqueteiros.

5. O que o futebol representa hoje na tua vida?

Nossa, eu acho que é muito difícil falar sobre o futebol porque toda vez que a gente fala dá a sensação de que é aquele que a gente torce, que é aquele que a gente é apaixonado. Eu gosto muito do Corinthians, mas assim esse futebol nunca me prendeu. Ele nunca fez parte da minha vida, ele nunca foi a referência da minha vida. Eu acho que como Bianca também não. Hoje em dia eu me conecto muito com o futebol das mulheres e ver as meninas jogarem me arrepiam porque me faz lembrar o quanto eu não tive esse acesso. Penso que se a Bianca tivesse tido esse acesso, as coisas teriam sido diferentes, como eu mesma teria chegado na minha mãe e falado: “Eu quero ir para uma escolinha, eu quero, me ajuda!” Então, quando eu vejo as mulheres jogando, eu ouço a história das jogadoras, essas coisas me conectam muito e me colocam em um lugar de pensar que a gente precisa fazer com que esse futebol esteja no mundo. Mesmo que não seja mais o meu futebol porque eu não sou mais lésbica e não me identifico mais com a Bianca, mas tem esse lugar de me arrepiar mesmo, profundamente. Acho que agora, o futebol que ocupa a minha vida é um outro futebol, que é o futebol dos meninos trans. Eu respiro o futebol dos meninos! Eu tenho meu trabalho CLT e tenho o futebol. São as duas coisas que eu respiro, onde eu estou o tempo inteiro. E nesse futebol eu tenho muita dúvida porque a gente tem feito um processo de nos separar dos outros futebolistas, não disputamos mais com meninos, com outros homens cisgênero porque ali a gente não vê espaço para existir. E eu tive uma experiência disputando com homens cisgênero que foi precisar ficar brigando o tempo inteiro, sabe? Ficar disputando espaço porque o juiz tratou a gente como feminino. Não a mim, mas outros meninos do coletivo que ainda têm peito. Às vezes eu percebo os olhares quando eu coloco o top porque eu tenho peito. E é isso, é a vida. E os olhares dos juizes, das outras pessoas, é uma coisa bem velada e você percebe que tem alguma coisa de estranhamento para quem está tocando aquele campeonato. Quando a gente foi disputar campeonatos com outros homens cisgênero, mesmo gays, a gente sofreu muita violência porque o que eles estão buscando é muito diferente do que a gente está buscando. A gente viu essa necessidade de separar, embora eu não saiba se é a melhor resposta, porque nos coloca em um lugar também de exclusão. Mas a gente sentiu essa necessidade para nos empoderar, para que o futebol trans pudesse nascer e ter espírito de competitividade. A gente está falando de times jogam que os jogos não passam de 3 a 0.

Quando a gente jogava com os homens cisgênero era de 20, 25 a 0. Na Ligay, por exemplo, éramos o time para fazer saldo de gols e se garantir nas fases eliminatórias. É muito triste que a gente não consiga ainda estar entre os homens cisgênero e que, para mim, não é uma questão de diferenciação do corpo ou de quem é mais fraco ou quem não é. É uma ausência de socialização! Esses meninos, ainda que gays, a maioria deles teve uma socialização que a gente não teve. A gente tem que estar preocupado se vai sobreviver no dia seguinte sendo menina. Existe todo um machismo posto, ao contrário dos homens cisgênero gays, que desde cedo são incentivados a jogar bola. Então vivo pensando como que a gente pode construir esse outro futebol porque eu acho que a gente ainda não conseguiu construir, a gente pega muito repertório ainda desse futebol *mainstream*. E é isso que eu tenho que fazer, como militante, como pessoa. Eu penso muito no coletivo porque eu sei que eu estou ficando mais velho. E como a gente faz para que esse espaço seja cada vez mais aberto às crianças trans, às transmasculinidades, às transfemilidades? Como que a gente faz para esse futebol ser mais inclusivo? Acho que ele não é ainda, mas a gente tem, a duras penas, galgado esse lugar, estado nesse lugar, disputado esse lugar, criado a necessidade de ter uma frente de times trans, seja em qualquer esporte que for. Enfim, acho que a gente está entendendo que a gente pode colocar o nosso corpo no esporte, que está tudo bem, que a gente vai enfrentar muitos problemas, mas que a gente está junto para lutar essa batalha.

6. Bernardo, fale sobre a sua aproximação com o T Mosqueteiros.

O T Mosqueteiros nasceu em 2019 e participou de um campeonato com o Meninos Bons de Bola. Daí chegou a pandemia e arrasou com tudo, pois muitos desses coletivos se desfizeram. Aquilo era um sonho que ficou ali perdido. Não fui só eu que saí do Meninos Bons de Bola, vários meninos também saíram por discordâncias políticas e táticas mesmo e aí, em 2021, vira e mexe a gente se juntava em grupo do WhatsApp, para combinar de jogar uma bola. E aí um parceiro, falou assim: “Cara, tem uma possibilidade da gente tocar um time, você vai vir ou você não vai?” Eu topei e na minha cabeça nessa época eu pensava que queria fazer tudo diferente porque eu tinha acumulado muita experiência com Meninos Bons de Bola que foi um lugar que me ensinou muito também. Eu aprendi muito com eles e eu estava sendo convidado para construir uma outra coletividade, praticamente do zero, só que não dava para cometer os mesmos erros, não ter as mesmas inocências que eu vivi quando estive lá. A gente está discutindo agora um processo de se formalizar o T Mosqueteiros enquanto uma CNPJ coletiva e todo esse time

tem direito e poderes de voto; a gente quer fazer um negócio coletivo, porque sentindo a necessidade de descolar das iniciativas dos homens gays, que é muito importante, que é muito potente, mas porque não conversa com as nossas necessidades que são muito diferentes. Uma coisa é o futebol cis, de homens gays que conseguiram uma colocação profissional, que tem acesso e recurso para viajar pelo Brasil inteiro e jogar bola. Outra coisa é pagar para jogar bola, são os meninos trans e a gente está falando de gente que nem é alfabetizada direito. A gente está falando de pessoas que são impelidas a empregos subalternos, que ganham muito pouco dinheiro e que não têm condição de se manter e de manter o futebol. Por isso a necessidade desses coletivos e a necessidade da gente se organizar cada vez mais para ter acesso a recursos públicos. Eu fui percebendo, enquanto Bernardo, que é muito importante a gente estar em várias frentes, é muito importante ter time em tudo quanto é lugar do Brasil e que é muito importante que as crianças percebam isso e se coloquem cada vez mais nesse lugar de alto rendimento. Acho que o esporte está sempre muito fechado com essas caixas, com essas divisões, tipo isso aqui é do masculino, isso aqui é do feminino. E o que a gente faz com pessoas trans? Onde coloca? Proíbe? Não proíbe? A gente sabe o que sonha, mas o que vai acontecer, efetivamente, não se sabe. E eu acho que o T Mosqueteiros tem esse espaço político muito bem desenhado e delimitado. E em todas as palestras que eu faço, tenho defendido essa pauta, a explosão dessas caixas para gente tentar construir não só outros futebolis, mas outros esportes também. Eu acho que o esporte nos ajuda a destravar muitas coisas da nossa vida pessoal, traumas, ajuda também, quando a gente está falando de alta performance, a ser o nosso trabalho, aquilo que a gente ama, mas também ajuda a gente a construir outro mundo. Essas coisas emergem no futebol e emergem no esporte porque o esporte é uma fatia da sociedade e quando a gente olha o esporte como esse lugar de potência, como esse lugar de possibilidade, de construção de mundo, eu acho que a gente tem muito a ganhar. Eu acho que o T Mosqueteiros é mais uma areiazinha nesse universo inteiro, e a gente está tentando fazer a nossa parte aqui e da melhor maneira possível.

7. Quais são os projetos que T Mosqueteiros está planejando para o futuro? Onde vocês querem chegar?

Para 2024 a gente quer se formalizar com uma CNPJ porque a gente está perdendo muito dinheiro por causa disso e a gente está falando de pessoas que às vezes vão para quadra sem comer, meninos que estão vivendo uma depressão profunda ou estão vivendo uma situação de vulnerabilidade nutricional. E para manter essa recorrência dos treinos,

precisa de passagem e você sempre gasta algo. Então, o nosso futuro hoje está muito concentrado em saber como a gente consegue recurso financeiro para distribuir para essa coletividade conseguir ter um pouco de sossego e não abandonar a prática esportiva. Muitos meninos chegam, mas muitos não conseguem ficar nessa coletividade. Não porque não queiram ficar, mas porque eles não têm condição mesmo de ficar ali. Então é isso, a gente precisa começar a se juntar enquanto coletivos no Brasil para formalizar uma CNPJ e conseguir recurso, seja via emenda parlamentar ou edital. A gente tem percebido cada vez mais a necessidade de falar sobre os nossos conflitos. A gente quer isso para as futuras gerações, para que as crianças trans tenham mais acesso a esses esportes trans, para que elas percebam que as pessoas trans podem estar onde elas quiserem, seja numa modalidade de gênero, seja numa modalidade exclusiva para pessoas trans no recreativo. Só que a gente sabe que enquanto a gente não tiver uma representatividade nacional, isso vai ser difícil. Então a gente tem cada vez mais colocado as coletividades das outras cidades e dos outros estados para pensar sobre isso. A gente tem entendido a necessidade de se somar às transfemilidades, às travestilidades, que ainda estão muito distantes do futebol. A gente quer se aproximar disso, ver se consegue fazer com que times de meninas nasçam, a gente quer ir cada vez mais para uma não binaridade ou para um esporte misto. A gente tem discutido todas essas questões e eu acho que 2024 vem para deixar isso cada vez mais claro. Mas, como criar mecanismos de fazer diferente, de fazer uma coisa totalmente inovadora e que seja reconhecida nacionalmente como um espaço importante? Algo que vire uma política pública. Isso não deveria ser algo da gente, mas parlamentares pensando sobre isso, sendo destinado recurso para falar sobre essas questões porque, no fim, por mais que a gente esteja aqui no polo do futebol, a gente está falando sobre a dignidade das pessoas trans. Que a gente sabe que já não existe, então, quando você usa o esporte pra dizer para as pessoas que as pessoas trans têm dignidade, no final a gente está buscando isso. Queremos políticas públicas e que a gente seja reconhecido no calendário anual, que não seja só uma data em janeiro, porque é o mês da visibilidade trans. Nossa senhora, eu não trocaria esse pensamento... É muito dolorido estar inserido nesse mundo de tanta dor, mas ao mesmo tempo eu acho que eu não preferiria a cegueira, sabe?

Bernardo, muito obrigada por ter disponibilizado teu tempo para conversar conosco e partilhar tuas ideias e sentimentos. Que tuas reflexões sirvam de inspiração cada pessoa

que ler essa entrevista e a fortaleza para fazer desse mundo algo melhor, sobretudo para as pessoas trans.



Bernardo Gonzales Cepeda Alvarez (23/03/1989) é transmasculino, professor licenciado em Ciências Naturais pela USP e pós graduado em Projetos Sociais e Políticas Públicas pelo SENAC. Ativista pelos direitos humanos desde 2008 e organizador do Sport Clube T Mosqueteiros que em 2023 foi reconhecido com um selo de diversidade pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo.